

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 31/34
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

De Gutenberg a Bill Gates, caminhos e descaminhos da literatura

■ A epopéia de
um candango

■ A história
das HQs

A Videocultura e o Mandarinato

□ José Helder de Souza

"O homem, ao inventar o alfabeto para registrar e transmitir a outrem os seus conhecimentos ou suas emoções através de textos escritos, criou um código só acessível a uns poucos ou decifrável só por alguns iniciados."

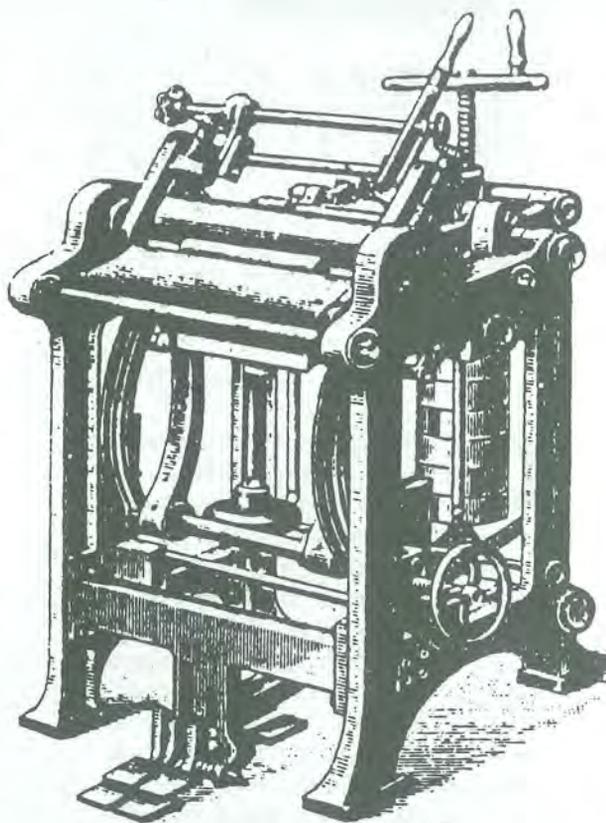
Chegando ao limiar de um novo século, o vigésimo primeiro da civilização ocidental - fundamentalmente greco-romana - , nos parece estarmos entrando numa nova civilização; pensamos estar deixando o signo das letras, inaugurado no século X a. C. pelos fenícios, segundo Arnold Toynbee em "Um Estudo da História", para ingressarmos no signo da imagem, pelas mãos dos franceses Louis e Auguste Lumière que há um século, em 1895, fizeram a primeira demonstração pública de sua invenção, o "cinematógrafo", máquina capaz de projetar numa tela imagens fotográficas em movimento ("História del Cine", de Pierre Leprohon, tradução espanhola de José Luis López Muñoz, Ediciones Rialp, Madri). Em 1927 o cinema foi enriquecido, no histórico dia 6 de outubro, quando a Warner Bros apresentou "O Cantor de Jazz", o primeiro filme sonoro do mundo filmado por Alan Crosland e interpretado por Al Johnson (Leprohon, obra citada). Invenções ainda mais enriquecidas agora com o desenvolvimento da televisão e, mais recentemente, dos computadores, pon-do a cibernética a serviço de grande massa humana, alfabetizada ou não. Nas telas dos computadores temos agora não só imagem e som. A estas foram feitas associações (os chamados CD-ROM) de centenas e centenas de informações outras, contendo todos os símbolos até então criados por nossa civilização, não somente em literatura como em todas as artes, bastando ao cidadão apertar alguns botões da engenhoca cibernética (os gregos estão aqui nos dando a definição deste termo: a ciência de governar os homens e as máquinas - cybernetes: piloto, diretor) para tê-los em qualquer



parte de suas atividades, nas salas de aula das escolas de qualquer grau, dos escritores, nas repartições públicas e até no chamado recesso do lar.

Nesses computadores e seus programas variados, chamados multimídias, pode-se percorrer as galerias do Museu do Louvre ou consultar a Enciclopédia Britânica. As editoras, é o que se lê todos os dias nos noticiários de jornais e revistas, estão passando para a produção dos tais CD-ROMs, pondo em plano secundário o que conhecemos como livro desde a invenção de Gutenberg, cerca de 400 anos atrás. Nossas crianças facilmente conseguem aprender a manejar esses novos instrumentos de cultura e aprendizado. Com o frescor de suas memórias infantis, rapidamente decoram os novos códigos de leitura na telinha dos monitores dos computadores pessoais - os afamados PCs - que, na última década, invadiram os locais de trabalho, de estudo e aprendizado e, finalmente, o quarto de estudo das residências. Os jovens integram-se celeremente aos modos novos de ler e de aprender, o que identificamos como uma nova era ou onda civilizatória, a da pura imagem. Os tais PCs lhes dão, a um simples apertar de botão, imagens coloridas de cidades, países e etnias, em lições de geografia, por exemplo.

O ALFABETO - O homem, ao inventar o alfabeto para registrar e transmitir a outrem os seus conhecimentos ou suas emoções através de textos escritos, criou um código só acessível a uns poucos ou decifrável só por alguns iniciados. Para ler o texto grafado numa estela fenícia, num papiro, num pergaminho grego ou romano e ainda num palimpsesto medieval ou num moderno livro feito de arte tipográfica de compor e imprimir livros inventada por Gutenberg, o indivíduo necessita conhecer o valor de cada símbolo e mais o significado de cada palavra por eles formada e, finalmente, o sentido das frases geradas por agrupamentos de "nomes e verbos", como ensinou Platão, no seu livro "Sofista".



"As editoras estão passando para a produção de CD-ROMs, pondo em plano secundário o que conhecemos como livro desde a invenção de Gutenberg"

Para ler um romance, digamos, de Jorge Amado, sempre de linguagem simples e acessível, sem grandes preocupações de envolver personagens em brumas de trama psicológica, o leitor precisaria, primeiro: conhecer o alfabeto, os signos fundamentais da linguagem escrita; segundo: conseguir entender o valor ou significado das sílabas, das palavras e das frases, o que só conseguiria com uma certa prática de aprendizado de leitura, entre os seis e onze anos de idade, conforme seu desenvolvimento e capacidade intelectual; terceiro: para completar o círculo, precisaria ao fim da leitura de "São Jorge dos Ilhéus", por exemplo, poder entender o que o autor quis dizer com a obra.

Somente com alguma experiência de vida, um bom número de livros lidos, e não somente de ficção, mas também de história - contemporânea brasileira, no caso - geografia, aqui também do Brasil e, quiçá, de sociologia e mais um naco que fosse de filosofia, para perceber a denúncia social e política de Jorge Amado.

CINEMA e TV - Já o nosso jovem diante de uma tela de cinema ou de moderna televisão, não teria muita ou quase nenhuma dificuldade para perceber o conteúdo do filme baseado no romance de Amado. Inicialmente ele precisaria somente ser suficientemente inteligente, embora completamente analfabeto. Diante de si, antes de tudo, teria a imagem "nítida e luminosa", como a inventou Lumière: na tela estariam homens e mulheres, feios, bonitos, magros ou gordos, elegantemente vestidos ou esculhambados, miseráveis, de caras fechadas ou sorridentes, agindo, andando, em conflito ou simplesmente em repouso. O que o escritor, mesmo com vocabulário simples e termos correntes na linguagem popular, para transmitir ao leitor a mais singela idéia de uma prostituta bonita, alegre e sensual, teve que

fazer foi reunir um expressivo e considerável número de nomes e verbos ordenados de modo artístico, enquanto o cineasta obteve o mesmo efeito, até com mais expressividade, com uma simples tomada em plano americano e depois em grande plano. A imagem de mulher foi dada simplesmente pela visão, sem esforço intelectual nenhum e ainda veio enriquecida com o som, o cineasta lhe metendo pelos ouvidos a fala ou o canto da mulher. Cinema, recordamos, é do grego kinema - af os gregos novamente significando movimento.

TEATRO - Esta questão - da imagem e do som - podemos dizer, sem exagero, começou com os gregos - sempre os gregos. Mais propriamente com o teatro grego do qual se seguiu o teatro romano e depois seus descendentes, os autos medievais, principalmente na Península Ibérica nas festas de Corpus Christi e na Commedia dell'Arte, da Itália, com influência para o teatro cômico do resto da Europa. A Igreja Católica muito usou os autos para ensinar ao povo analfabeto sua doutrina.

No "Édipo Rei", de Sófocles, vemos na primeira cena o rei dizendo "aos filhos de vetusta estirpe de Cádimo"

ter vindo "em pessoa saber de vós mesmos, e não por outros mensageiros", o que estava afligindo aquele povo. Temos aí a imagem fortemente realçada, vista pelo próprio rei, e não sua projeção por meio de palavras escritas ou mesmo faladas de seus funcionários.

Por intermédio de cenas nos anfiteatros, quer na tragédia, quer na comédia, os autores gregos e romanos levavam ao povo analfabeto suas idéias políticas e sociais. Mário da Gama Kury, numa introdução para tradução sua de "Eletra", de Sófocles, informa que o "teatro de Dionísios, onde foi representada pela primeira vez "Eletra" (entre 420 e 413 a.C.) tinha capacidade para trinta mil espectadores sentados"... Por sua vez, J. B. Melo e Souza, prefaciando o livro "Teatro Grego" (Clássicos Jackson, W.M. Jackson Inc. Editores, Rio de Janeiro, 1950), de sua tradução, escreve: "Incontestavelmente, os impulsos patrióticos e alentados morais que encorajaram os estados gregos na luta desigual contra o império dos Aqueménidas foram hauridos, em grande parte, nas imponentes odes em que deuses, heróis e conjuntos corais faziam a apologia da liberdade e da dignidade humanas e lançavam apóstrofes de justa indignação contra a injustiça, o vício e a tirania. Ésquilo teria sido, assim, um dos grandes fatores da vitória final, expondo ao povo, na sua tragédia "Os Persas", o terror da multidão inimiga diante do palácio real de Susa, quando os emissários trouxeram a notícia de derrota da Salamina".

Os livros, feitos em rolos de pergaminho, tinham utilização limitada, lidos só pelos grandes senhores, por sacerdotes e funcionários do Estado, nas grandes bibliotecas ou nas mansões senhoriais de Atenas, Roma ou Alexandria. (Vide "História da Vida Privada - do Império Romano ao Ano Mil", Pierre Ariés, Georges Duby, Paul Veyne e outros, Companhia das Letras, 1990). Enquanto o teatro, no meio da praça, estava ao alcance de todos, das grandes massas. "Também os cavaleiros não gostam mais de ouvir, preferem os espetáculos de vista"... observou Horácio na sua Epístola I, dirigida a César Augusto.

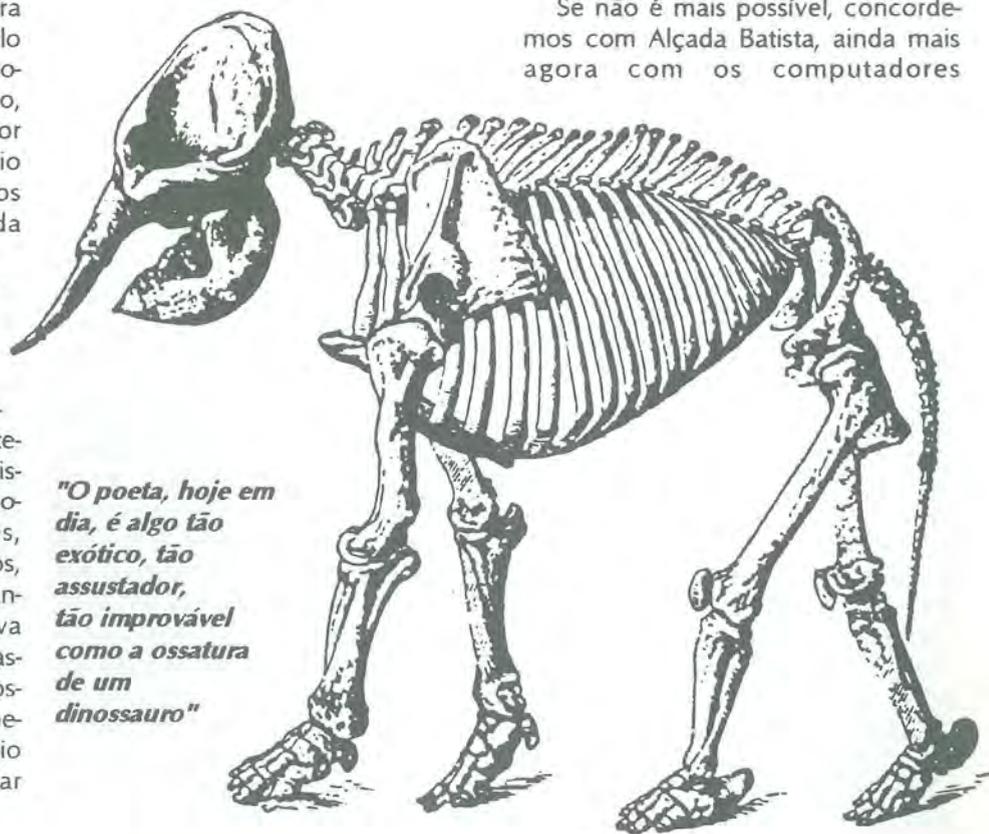
Antônio Vieira, o gênio português - e do Brasil - da Igreja Católica do século XVII, percebera a força da imagem e isto revela no seu muito célebre e lúcido "Sermão da Sexagésima", em 1655. Vieira mostra a diferença entre a palavra escrita ou falada e a imagem, o visual, como se costuma dizer hoje, o objeto que se quer ressaltar, mostrado, visto, para um melhor entendimento. Lembrava ele que o pregador, do alto do púlpito, descrevera o sofrimento do Cristo diante do pretório de Pilatos. Mas ninguém se comovera ou se abalara com as palavras. Abalaram-se os fiéis quando se disse "Ecce-Homo" e se mostrou a imagem de Cristo em situação miserável: manietado, preso a uma coluna, flagelado e coroado de espinhos. Acentua então Vieira: "Porque então era Ecce-Homo ouvido, e agora é Ecce-Homo visto; a relação do pregador entrava pelos ouvidos, a representação daquela figura entra pelos olhos. Sabem, padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, só aos ouvidos". Vieira dá então o exemplo do Batista que, pregando, convertia os povos,

concitando-os ao jejum e condenando o pecado da gula e - Ecce-Homo - mostrava seu corpo de asceta, de quem se nutria de gafanhotos e mel silvestre, no deserto.

Ressaltemos ainda com Ernest Robert Curtius: "Custa entender as poesias de Píndaro, o mesmo porém não se dá com os frisos do Partenão... Fácil é a ciência das imagens, quando comparadas à dos livros" - in "Literatura Européia e Idade Média Latina", tradução do alemão por Teodoro Cabral (Instituto Nacional do Livro, Brasília, 1979).

"Estou certo - nos diz Antônio Alçada Batista no seu belo livro "Peregrinação Interior" - ou quadros da vida cotidiana numa sociedade em vias de desenvolvimento" (Difel, São Paulo, 1984) - de que a ciência me deu coisas de que já não posso prescindir e que não é possível fazer o mundo viver sem penicilina e televisão... e que, mesmo que o quisesse fazer, não encontraria ninguém que o fizesse comigo". Hoje, dez anos depois, pode-se acrescentar que a sociedade já desenvolveu-se bastante até chegar ao computador com visor com tela colorida avançado para a sociedade ágrafa que tentamos aqui mostrar.

Se não é mais possível, concordemos com Alçada Batista, ainda mais agora com os computadores



"O poeta, hoje em dia, é algo tão exótico, tão assustador, tão improvável como a ossatura de um dinossauro"

multimídia (termo pretensioso tomado do latim pelos americanos do norte, ao qual hoje não podemos fugir e está se incorporando a todas as línguas, ou quase todas as línguas de cultura, com os computadores e seus programas), tirar as pessoas da frente das telas transmissoras de imagens e levá-las para um gabinete de leitura para pôr-se diante de um livro em vez de ver e ouvir uma lição de geografia ou um filme baseado em algum romance célebre, então é preciso a aproximação do intelectual, do escritor de qualquer gênero literário - novela, poesia, ensaio - com os meios eletrônicos de difusão da cultura, numa nova forma de civilização que estamos qualificando de ágrafa. Já temos notícias de escritores a passar suas obras para os tais CD-ROMs.

CONTROVÉRSIAS - Desenvolvida a arte cinematográfica e a televisão, à qual a primeira incorporou-se, abriu-se uma contenda entre o livro - a arte da escrita - e os chamados meios de comunicação eletrônicos. O grande público, preferindo a imagem e o som - pelas razões que vimos mostrando - ao livro, à palavra escrita.

No início desta década, quando começávamos a cogitar sobre a questão da imagem e do som e a escrita, recebemos do poeta Francisco Carvalho, uma das grandes vozes da poesia no Brasil (prêmio da 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira), uma carta sua em que o escritor reclamava da indiferença do público para com a poesia e dizia estar pensando em abandonar a arte de escrever por não encontrar leitores e sua arte atingir somente "uma pequena elite que, de tão pequena, logo mais deixará de existir. O poeta hoje em dia é algo tão exótico, tão assustador, tão improvável como a ossatura dum dinossauro". Ariano Suassuna, teatrólogo e romancista, autor do "Romance d' A Pedra do Reino", um dos maiores romances do Brasil nos últimos vinte anos, também reclamava, em entrevista a jornais do Recife, de negligência do povo para com os livros de modo geral e proclamava sua demissão da literatura. Moreira Campos, o grande contista do Ceará, nome nacional na arte de contar histórias, muito se lamentava, nos seus últimos anos de vida (morreu em



Houaiss: "Nós vamos saindo de uma sociedade ágrafa para outra sociedade ágrafa: uma que não chegou a consumir o livro para uma que vai dispensar o livro"

94, aos oitenta anos), da falta de leitores quando instado a falar aos jornais sobre a situação dos escritores e da literatura no Brasil, de modo geral, e no Ceará, particularmente.

Ao Francisco Carvalho respondi estar pensando que a nossa sociedade estava se transformando profundamente, trocando as letras, os textos dos livros, pela imagem e som das telas de televisão. Lembrei-me que um certo dia, lá mesmo na Fortaleza onde reside, numa movimentada rua de comércio, o sol se pondo, vi grande movimentação de gente numa loja que me pareceu pequena para tanto público, meninos e meninas, velhos e moços de ambos os sexos, entrando e saindo constantemente da lojinha. Curiosidade acesa pelo fenômeno, fui ver o que tanto lá se vendia: eram fitas de vídeo. Homens e mulheres de todas as idades, naquele fim de tarde, iam lá comprar ou alugar o filme a ser visto depois do jantar. Tal como anteriormente nossos pais, e nós mesmos, fazíamos entrando na livraria da Praça do Ferreira, para ver as novidades e ad-

quirir um livro para a leitura da noite ou do fim de semana. Constatei o mesmo na área comercial de uma superquadra de Brasília. Depois averigüei que as locadoras de vídeos se multiplicavam e que hoje não há mais setor comercial ou bairro de qualquer cidade sem uma lojinha destas e que em algumas delas há fregueses que pagam mensalmente o aluguel ou compra de filmes apanhados quase diariamente, como se fazia outrora na aquisição de jornais, revistas e livros. Com a TV a cabo e com os computadores ligados a redes, as pessoas já estão substituindo os tais cassetes pelas centenas de filmes que podem ver em seus aparelhos.

Em 1992 a revista "Veja" divulgou estatísticas segundo as quais foram vendidos no Brasil nada menos que dois milhões e duzentos mil videocassetes. Enquanto isto, segundo entrevista de Silvano Santiago ao "Jornal do Brasil" (31/10/92), na sociedade brasileira, então com 120 milhões de pessoas, o número de livros vendidos andava "pela casa dos 100 mil". Não é porém só no Brasil que ocorre o desprezo pelo livro e o amor às imagens da TV. Senão, vejamos: Pat H. Broeske, do N.Y. Times, num trabalho transcrito pelo "Jornal da Tarde", São Paulo, de 8/7/92, informa que "se-

gundo dados do Reading is Fundamental (entidade de alfabetização dos Estados Unidos), talvez 21 milhões de norte-americanos sejam analfabetos. Estatísticas da entidade mostram que 90% dos alunos do primário preferem televisão e 30% das famílias com renda superior a US\$ 40 mil não têm livros em casa”.

VIDEOCULTURA - Nos cinquenta anos do advento da televisão (nos Estados Unidos; no Brasil, cerca de quarenta) muito se tem discutido sobre os efeitos - benéficos e maléficis - da nova modalidade de transmissão de idéias e de fatos. Neste meio século, verifica-se também que grandes foram as transformações provocadas pela telinha.

“O Impacto da Videocultura” (este neologismo é perfeito, válido, para o que estamos examinando) é o título do artigo de Rushworth M. Kidder, colunista do jornal “The Christian Science Monitor”, transcrito na revista “Diálogo” (nº 3 - volume 19, 1986 - publicação em português da United States Information Agency, Washington, USA), é um ótimo trabalho sobre a questão. Nele o autor refere-se às reflexões do ensaísta E. B. White depois de ver, pela primeira vez, em 1938, “uma imagem trêmula numa pequena tela de televisão”. White então escreveu na revista “Harper’s Magazine” (citado por Kidder): “Acredito que a televisão será o teste do mundo moderno, e que nesta nova oportunidade de vermos além do alcance de nossa visão descobriremos uma nova e insuportável perturbação da paz geral ou um brilho redentor no céu. A televisão nos manterá de pé ou nos derrubará”...

Kidder ressalta que, passado meio século da popularização da TV nos Estados Unidos da América, continua o dilema de White: para uns ela é, de fato, “um brilho redentor no céu”; para outros “é uma insuportável perturbação da paz geral” e acrescenta que a perturbação “dilacera a estrutura do lar, da escola, da igreja, do processo político e de tudo aquilo que ela atinge” - a literatura inclusive, acrescentamos, a arte de escrever de modo geral, a ficar cada vez mais com menos leitores.



“A televisão está presente até no mais recôndito cafunfo do mundo onde chegue a rede elétrica, ou mesmo uma simples bateria”

“Em vários pontos - continuemos a citar Kidder -, porém, os dois lados concordam: é um meio de impacto sem precedente, facilmente capaz de alcançar centenas de milhões de pessoas com a mesma mensagem no mesmo exato momento”. Faça-nos impossível para o livro, lembramos.

Dentro deste quadro de enorme capacidade de difusão, criando a **videocultura**, Kidder vai enumerando, digamos, os benefícios e os malefícios deste impacto visual (os primeiros maiores que as nocividades, achamos). A TV é nociva quando “nos Estados Unidos - escreve ele - continua a ser, antes de mais nada, um fenômeno comercial, guiado sobretudo por critérios financeiros, e não estéticos ou sociais”. Aqui no Brasil vai além disto e serve de meio para embusteiros, como o tal bispo Edir Macedo, explorar (e ficar rico!) a credulidade da massa analfabeta, ou para a TV Globo ajudar a

eleger o aldravão e aventureiro político Fernando Collor de Melo.

As transmissões de TV, segundo Kidder, prejudicam quando promovem, nas crianças - as principais clientes dessas audições - “a fixação da violência e da sensualidade, o impacto sobre os índices de leitura e a capacidade de raciocínio, a redução dos períodos de concentração”...

Depois cita um defensor da televisão como meio de difusão da cultura, o sociólogo inglês Brian Winston, quando este afirma que “por sua própria natureza, a televisão não é um veículo de elite, como os livros, mas um meio de comunicação popular cujas raízes históricas remontam à imprensa folhetinesca, à baraca de feira (aí entram os autos medievais, observação nossa) e ao teatro de variedades”. Kidder cita ainda o comunicólogo George Gerbner, da Universidade da Pensilvânia, para quem “a

televisão é um importante fator de alargamento dos horizontes culturais”. Aí está o centro da questão: por sua extrema popularidade causada pela fácil percepção do espectador, elimina a cada dia os leitores de Francisco Carvalho e de Ariano Suassuna.

Num artigo, “Biblioteca, livro, cultura” (Suplemento Literário do Jornal Minas Gerais, 25/1/92 - por sinal este suplemento foi extinto, restringindo ainda mais a faixa de leitores), o professor de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia de Divinópolis, Adércio Simões Franco, afirma: “Hoje, perdeu-se o prazer pela leitura e quem lê costuma ser tachado de esnobe... Livro, no Brasil, infelizmente, é ainda artigo caro e não acessível a todos”. Depois de enumerar alguns inimigos do livro, aponta a televisão como um deles, o maior, assevera: “O terceiro grande inimigo é a televisão, melhor dizendo, a política cultural da TV - um deserviço (sic) a serviço de uma grande multidão que se posta, religiosamente, para ver jornais, esporte, novelas e entretenimentos... Da geléia geral pouco se salva. A alienação gera a incapacidade de refletir e, o que é pior, a pes-

soa nem sabe que não sabe". Como o fenômeno é universal, Kidder disse a mesma coisa com outras palavras.

SOCIEDADE ÁGRAFA - Agora chegamos à sabedoria filológica do acadêmico Antônio Houaiss a afirmar abertamente a feição ágrafa do Brasil de nossos dias. Em entrevista ao "Correio Braziliense" (7/10/80) disse ele: "No momento em que talvez iríamos dar o salto qualitativo para a democratização do livro e a democratização do ensino, nesse momento emergem os meios de comunicação de massa eletrônicos, que dispensam efetivamente para o usuário, para o consumidor, o conhecimento da língua escrita". Conclui então Houaiss, com melhor clareza que nós, a entrada de nossa sociedade numa fase ágrafa, escorada na imagem e no som: "Então, nós vamos saindo de uma sociedade ágrafa para outra sociedade ágrafa: uma que não chegou a consumir o livro para uma que vai dispensar o livro". Caio Porfírio Carneiro, escritor cearense radicado em São Paulo, confirma "o surgimento de uma geração ágrafa, idiotizada pela televisão". O romancista Moacyr Scliar, por sua vez, diz incisivamente: "Sim, a TV rouba leitores" - ambos em depoimento à "Revista do Escritor Brasileiro - Literatura", nº 3, dezembro de 1992.

Scliar, porém, mantém otimismo, tem esperança e fé na literatura e em seus leitores. Concordamos, realmente o livro continuará, como continuará a existir leitores; será muito difícil liquidá-los totalmente, mesmo porque as idéias, os grandes temas políticos e sociais e até mesmo o da própria televisão serão difundidos pelo livro, embora ao alcance, ou do interesse de poucos, a "elite" de Brian Winston, ou a "pequena elite", de Francisco Carvalho.

É bem provável, cremos, que os **escriutores** - os criadores, os poetas e prosadores, do conto e do romance, os críticos, ensaístas e historiadores, tais como são conhecidos desde a antiguidade e mais acentuadamente depois da invenção de Gutenberg - estejam em processo de extinção, como os dinossauros lembrados por Francisco Carvalho, não se sabe bem por que, desaparecendo completamente da face da velha Terra, deixando só os

ossos naquela funda camada geológica; os dinossauros da escrita estão ameaçados de desaparecer sob a camada sutil da imagem cinematográfica e do som estéreo, a não ser que se modifiquem, evoluam, de modo darwiniano. Entre os que trabalham em estúdios de televisão, diz-se que os conhecimentos por ela transmitidos têm a imensidão dos mares - com a profundidade de cinco centímetros. Dentro destes rasos mares não cabem intelectuais, afeitos só às profundidades abissais da cultura.

MANDARINATO - Se, concluamos, as pessoas em quase todo o mundo - a televisão está presente até no mais recôndito cafundó do mundo onde chegue rede elétrica, ou mesmo uma simples bateria -, cada vez mais prendem-se às imagens e ao som das telinhas e largam para lá os livros - "o veículo de elite", de Brian Winston - poderá haver, forçosamente, uma classe de letrados - uma elite - a quem os livros serão confiados. Nesta condição esta aristocracia das letras terá uma predominância sobre a massa de ágrafos, detentora que é do saber, do conhecimento de modo geral.

Concordando com Moacyr Scliar, achamos que a literatura, mesmo com poucos leitores, sobreviverá, permanecerá como fonte perene de conhecimento e de poder. De poder sim, nas mãos de poucos, os suficientemente alfabetizados conhecedores dos segredos da língua escrita e da cultura humana acumulada desde os gregos, dentre eles havendo especialistas em tais e quais assuntos, como filosofia, história, ciências exatas e - por que não? - até poesia.

Poderão, esses letrados, vir a ser como os mandarins da China Imperial que administravam o país desde a corte, as províncias e as vilas depois que demonstravam, em concurso público, sua sabedoria, o conhecimento dos códigos e, principalmente, dos milhares de caracteres da língua escrita (vide "A Imagem da China", do jornalista e ensaísta inglês Dennis Bloodworth - Bloch Editores, 1969). Nesta cadeia de sábios - o mandarinato -, tais homens de letras capazes de ler os manuscritos ideográficos e deter a arte da caligrafia, com habilidade para escrever

textos oficiais ou copiar velhos livros, dominaram, por séculos, o império, desde o imperador Han Fei até quase nossos dias. Diz Bloodworth: ... "o que era importante com relação a esses homens (os mandarins) não era o fato de serem eminentes, mas sim terem conhecimentos de que ele (o imperador) necessitava". Se, pelo exposto, caminhamos realmente para uma sociedade ágrafa, esta muito precisará dos que mantiverem a cultura literária e científica. Quem detém a cultura e a técnica nos ensina a história, tem o poder.

Poderemos então - e aí está o perigo, os mandarins acabaram mais poderosos e arbitrários que os imperadores - ter um novo mandarinato (de caráter mundial?), pois é claro que os capazes de ler e entender os livros serão, em todos os campos - do mais alto cargo político ao simples gerenciamento de uma loja - os superiores ou dominadores, por qualquer meio, de minoria que só assimila conhecimentos, de qualquer gênero, através da imagem e do som. Os novos mandarins, evidentemente, administrarão esses conhecimentos e o farão segundo seus interesses. De modo algum queremos ser futurologistas. Sabemos que as coisas mudam, nada é imutável como os dogmas de Tomás de Aquino. A videocultura, inegavelmente, se já não nos dominou, há cinquenta anos está a caminho, caminhos insondáveis que poderão nos levar a um "brilho redentor no céu" ou à "insuportável perturbação da paz". A humanidade não pode se deixar dominar inteiramente por ele. Se a televisão - ou a imagem e o som que ela contém - é indispensável - lembrai-vos de Alçada Batista - ao homem moderno, a democracia e as formas livres de pensamento são mais indispensáveis ainda. Cabe aos intelectuais, aos que lêem e escrevem, antes de desaparecerem como os dinossauros, enfrentar a videocultura. Quem sabe aproveitando o próprio fascínio que ela exerce sobre o povo para, de dentro dela mesma, preservar as conquistas - a literatura e a democracia, de preferência - da humanidade adquiridas nestes trinta séculos, desde Atenas, desde os helenos.

Arte e política de mãos dadas



Uma dedicação de 14 anos à velha e sempre atual função da arte: a mímica. Miquéias Paz é sinônimo de boa mímica. Nesta trajetória que inclui apresentações na Europa, Oriente Médio e América Latina, Miquéias teve a sua estréia nos palcos de Brasília no Teatro Galpão.

O deputado distrital e mímico Miquéias Paz foi buscar inspiração na Grécia antiga para enfrentar o grande problema da classe política neste final de século, que é a crise da democracia representativa. Pelo menos uma vez por mês, o deputado leva seu gabinete para o "meio da rua" e faz como os gregos faziam: reúne-se com os cidadãos em praças públicas para discutir e debater os rumos da *pólis*.

O projeto - denominado "A Tenda" e que remonta também à história do teatro - tem-se transformado em espaço ideal para que o deputado exercite, na política, a arte de se comunicar com o povo, experiência que adquiriu ao longo de sua trajetória como mímico.

Arte e política sempre andaram juntas na vida do mímico que buscou nas questões sociais temas para sua atuação. Foi o que o aproximou das entidades organizadas de trabalhadores e estudantes. Ator, arte-educador e professor da disciplina Expressão Corporal na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília, Miquéias teve oportunidade de ampliar

sua visão política a partir da carreira artística que o levou para várias partes do mundo, transformando-o num mímico reconhecido internacionalmente.

Mas o casamento entre arte e política nem sempre se deu de forma tranqüila na vida de Miquéias. Em novembro do ano passado, o mímico trouxe problemas ao deputado quando foi divulgada foto em que aparecia ao lado de duas dançarinas de street dance. As dançarinas haviam sido atração no espetáculo no qual o mímico apresentara um número. O deputado teve de ir à tribuna defender o direito de continuar expressando-se artisticamente, a despeito de ser um parlamentar.

As atividades parlamentares ocupam a maior parte do tempo de Miquéias que, no entanto, nunca deixou de apresentar-se como mímico em eventos do próprio gabinete ou atendendo a convites de escolas, por exemplo, colocando também o seu trabalho artístico a serviço do brasileiro, como, aliás, sempre o fez.